

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 26 de maio de 2021 às 07h33
Seleção de Notícias

O Globo | BR

Patentes

Quebra de patente de vacinas teria efeito lento para a crise atual 3
ECONOMIA | LETICIA HELENA | POLLYANNA BRÊTAS

Veja.com | BR

25 de maio de 2021 | Marco regulatório | INPI

"Seria fraude com os fãs", diz advogado sobre uso de nome Legião Urbana 5
FELIPE BRANCO CRUZ

CNN Brasil Online | BR

25 de maio de 2021 | Propriedade Intelectual

Fiocruz retoma produção da vacina da AstraZeneca contra a Covid-19 nesta terça 7
EM SÃO PAULO | DA CNN

Quebra de patente de vacinas teria efeito lento para a crise atual

ECONOMIA

FÓRUM DE SAÚDE BRASIL

Para especialistas, medida não ampliaria oferta de imunizantes contra Covid com rapidez pois produção depende de **transferência** de tecnologia e processos industriais complexos

LETICIA HELENA E POLLYANNA BRÊTAS

Especial para O GLOBO

A **quebra** de patentes de vacinas contra o novo coronavírus pode não acelerar a oferta de imunizantes como se imagina diante da crise atual. A avaliação é de especialistas que participaram do Fórum de Saúde Brasil, na última segunda-feira. O encontro - promovido pelo jornais O GLOBO e Valor Econômico e pela revista Época - debateu o papel da indústria farmacêutica na garantia de vacinas seguras contra a Covid-19 e contou com a participação de Isabella Ballalai, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm); José Carlos Felner, presidente da GSK Brasil; e Mauricio Zuma, diretor de Bio-Manguinhos/Fiocruz.

A discussão das **patentes** tomou novo fôlego após o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, defender a suspensão das regras de propriedade intelectual relacionadas às vacinas contra a Covid-19. A proposta, encabeçada por Índia e África do Sul, faz parte de um esforço para democratizar o acesso ao imunizante. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), de quase 1,5 bilhão de doses já aplicadas, apenas 0,3% chegou à população que vive em países pobres.

Embora os efeitos de médio e longo prazo possam ser benéficos, Zuma avalia que a **quebra** de patentes não conseguirá ampliar a oferta imediatamente. Ele explicou que a medida não garante que os países conseguirão produzir o imunizante, tarefa que depende

de **transferência** de tecnologia, conhecimento e processos industriais complexos.

- Olhando pelo lado da produção da vacina, não adianta. O fato de fazer o licenciamento compulsório não vai estabelecer a produção rápida da vacina. Pelo contrário. Há casos em que será preciso voltar para a fase de estudos clínicos. Então, isso pode levar uma enormidade de tempo e não vai ajudar neste momento - observou.

COOPERAÇÃO TÉCNICA

Os debatedores lembraram que quebras de **patentes** para medicamentos como ocorreu no coquetel anti-Aids - e para vacinas são processos diferentes, tanto na questão dos testes clínicos quanto nas etapas de produção e distribuição do imunizante. Felner observou que as **patentes** de vacinas têm regulamentação própria. Segundo ele, a indústria farmacêutica está disposta a negociar desde que a medida fique restrita aos insumos para combate à pandemia e que todo o processo de utilização da tecnologia seja acordado previamente:

- Feito desta maneira atabalhoada não vai adiantar. Você tem que transferir conhecimento. Tem equipamento específico. Tem toda uma prática - disse o presidente da GSK Brasil.

Isabella ressaltou o momento de cooperação técnica entre público e privado e os esforços envolvendo a indústria farmacêutica e o Instituto Butantan e a Fiocruz para a produção e distribuição de vacinas no Brasil.

- O país tem duas grandes **transferências** de tecnologia ocorrendo neste momento. O que nos dá segurança para o futuro é ter essa produção - afirmou.

De acordo com Felner, hoje estão em desenvolvimento no mundo 173 vacinas em estágio pré-clínico, ou seja, na fase de estudo e antes de testes para sua validação; e outros 63 imunizantes em desenvolvimento clínico, com dez plataformas tecnológicas diferentes. Ele adiantou que a vacina da GSK em parceria com a Sanofi, em fase de testes clínicos, deve estar pronta até o último trimestre deste ano.

MUDANÇA NAS PLATAFORMAS

Para desenvolver os imunizantes em tempo recorde e oferecer uma resposta à crise sanitária em escala global, a indústria farmacêutica precisou adaptar processos técnicos e industriais. O presidente da GSK destacou que as 13 unidades da companhia espalhadas em quatro continentes modificaram linhas de produção e equipamentos para pesquisar e desenvolver vacinas:

- A indústria farmacêutica pré-pandêmica trabalhava de forma sequencial. Agora, ela aceitou o risco e começou a trabalhar em processos paralelos de desenvolvimento. Não havia plataforma industrial pronta, e agora são dez em teste, das quais quatro tradicionais e as demais com novas tecnologias.

O diretor de Bio-Manguinhos/Fiocruz informou que a instituição começa a produzir a vacina, com IFA nacional, em outubro. Ele defendeu investimentos em ciência e tecnologia e nos institutos de pesquisa para reduzir a dependência internacional do país.

- A velocidade na produção no Butantan e na Fiocruz não acontece do nada. São décadas de trabalho nesta

Continuação: Quebra de patente de vacinas teria efeito lento para a crise atual

área, que permitiram assimilar esta produção de forma tão rápida. Nosso programa de imunização é reconhecido mundialmente. Erradicamos a varíola, controlamos a pólio e o sarampo - enfatizou Zuma.

O DESAFIO DA COMUNICAÇÃO

O grande desafio, na opinião de Isabella, está na comunicação sobre a importância da vacinação. Não só no caso da Covid-19, mas de todos os imunizantes, pois há uma queda na cobertura vacinal da população brasileira, por exemplo, de sarampo e pólio.

- É preciso transformar vacinas em vacinação. Vacina não serve de nada na geladeira. A comunicação é a salvação da vacina - comentou.

A vice-presidente da Sbi observou ainda a necessidade de outros estudos sobre o tempo de eficácia da cobertura da vacina contra a Covid-19, o que demandará manter a população imunizada. Ela lembrou que, diferentemente do que ocorre com outras vacinas, no caso do coronavírus, uma pessoa imunizada ainda pode adquirir carga viral e transmitir o vírus.

Diante disso, a Fiocruz já se organiza para uma nova fase de vacinação em 2022.

- Estamos nos preparando para termos vacinas ao longo de 2022, seja qual for a aplicação, como reforço ou como novo processo de imunização, de revacinação. Porque os estudos ainda não estão completos- disse Zuma.

"Seria fraude com os fãs", diz advogado sobre uso de nome Legião Urbana



Caso a Justiça decida que empresa do filho de Renato Russo é dona da marca Legião Urbana, ela não poderá mais ser usada pelos ex-membros da banda

Nas próximas semanas, quando a 4ª turma do STJ (Superior Tribunal de Justiça) retomar o julgamento do uso da marca Legião Urbana, o imbróglio judicial que envolve os dois ex-integrantes, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, contra a empresa Legião Urbana Produções, tocada por Giuliano Manfredini, filho de Renato Russo, finalmente deverá chegar ao fim. Os músicos e o herdeiro discutem quem, de fato, é o proprietário do nome. Até o momento, a decisão pende para o lado de Manfredini, após a ministra Isabel Gallotti votar a favor dele. Caso esse entendimento se mantenha, Guilherme Coelho, advogado da empresa, afirma que Giuliano não autorizará o uso do nome da banda em shows dos remanescentes. "Entendemos que o Legião Urbana era formado por Renato, Dado e Marcelo. Sem um deles, a banda não existe mais", diz (leia a entrevista abaixo).

Em 1987, a empresa Legião Urbana Produções Artísticas, formada por Russo, Bonfá e Villa-Lobos, registrou o nome da banda no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (**INPI**). Anos depois, Marcelo e Dado venderam suas cotas da empresa para Renato. Após a morte do vocalista, em 1996, a empresa foi herdada por seu filho, Manfredini. Desde

então, os dois ex-integrantes tentam na Justiça o reconhecimento da co-titularidade do nome e o direito de usar a marca em shows.

Atualmente, por conta de uma decisão 7ª Vara Empresarial da Comarca do Rio de Janeiro, Dado e Villa-Lobos conseguiram o direito de usar a marca sem autorização de Manfredini. A decisão, no entanto, poderá ser desfeita caso o processo que corre no STJ seja julgado a favor do herdeiro de Renato Russo. O julgamento foi suspenso após o ministro Antônio Carlos Ferreira pedir vistas. "Após a morte de John Lennon, ninguém jamais se apresentou com nome dos Beatles. Paul McCartney faz shows com um repertório de 90% dos Beatles, mas não diz ser os Beatles", comparou o advogado. Confira a entrevista:

O que vai acontecer com o nome Legião Urbana, caso a decisão do STJ seja favorável a Manfredini? Com a decisão favorável, somente a Legião Urbana Produções Artísticas poderá usar o nome Legião Urbana. A empresa, no entanto, não tem interesse em usar o nome para shows ou apresentações cover. Não há interesse em fazer esse tipo de incursão.

Quer dizer que o nome Legião Urbana não será mais usado? Sendo bem sincero, uma banda que não se apresenta com Renato Russo não é a Legião Urbana. Essa é a posição da empresa e do controlador dela. Não se pode dizer: "Essa é a Legião Urbana" ou que a banda ainda está se apresentando, porque isso seria uma fraude com os fãs. Ainda que uma banda se apresente com os integrantes remanescentes, ou com um ator da Globo fazendo as vezes de Renato, cantando as mesmas músicas, não é a Legião. Renato deixou por escrito que, sem ele ou sem qualquer um dos outros dois, a banda não existiria.

Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá podem tocar músicas do Legião Urbana? Sim. Não há nenhum problema em que eles toquem as músicas do Legião

Continuação: "Seria fraude com os fãs", diz advogado sobre uso de nome Legião Urbana

Urbana. Essa é outra falácia que se tenta vender para dar um certo clamor à narrativa deles. Se eu e você montarmos uma banda e decidirmos tocar Legião, nem eles, nem o Giuliano poderão nos impedir de tocar e até de dizer que estamos tocando Legião. O que não pode dizer é: essa é a Legião Urbana. Atualmente, no entanto, uma decisão da Justiça do Rio de Janeiro permite que Dado e Marcelo digam que são a Legião Urbana, desde que remunerem também o detentor da marca. Com esse novo julgamento, queremos reverter isso.

Em entrevista recente a VEJA, Dado Villa-Lobos falou que eles sempre estiveram abertos a um acordo amigável. Não é possível esse acordo? Achei estranha as respostas que o Dado deu nesse sentido. Estou nesse processo há mais ou menos quatro anos e nunca vi uma sinalização do lado de lá para qualquer tipo de acordo. Também não vejo qual seria a resposta, porque eles querem continuar usando a marca e, como eu disse, há uma posição da Legião Urbana Produções de que a banda não existe sem o Renato.

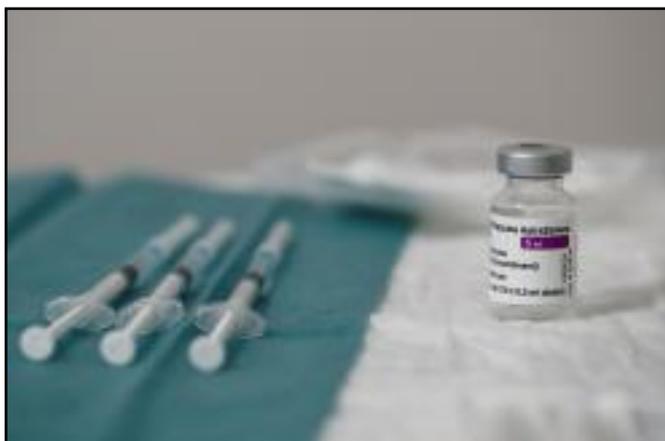
Manfredini ganhou o rótulo de "herdeiro". Como ele encara essa história toda? Criaram uma narrativa odiosa contra ele para despertar paixões. As pessoas tendem a comprar a narrativa do lado de lá de uma forma muito fácil. O Giuliano tem tocado os projetos de

uma forma muito proativa e com uma visão clara do legado do Renato. Basta ver a própria fala do Dado na entrevista a VEJA. Ele diz que o Giuliano precisa de tratamento psiquiátrico. Acho isso de uma baixeza.

Por que o Giuliano está evitando a imprensa e não está dando mais entrevistas? O negócio tomou um rumo perverso. O outro lado partiu para um ataque vil, especialmente agora com esse negócio de "tratamento psiquiátrico". São coisas absolutamente asquerosas. Acho que é natural um recolhimento no momento em que há essa contenda tão forte, principalmente alimentada por essa distorção da realidade. Não foi o Giuliano que foi em busca de briga com os ex-integrantes. Foram eles que ingressaram com uma ação contra a empresa. O Giuliano não precisaria se defender de nada se a gente tivesse compromisso com os fatos.

E como ficam os fãs nessa história? Sempre vai ter um movimento de fãs, inclusive com artistas mais engajados nas redes, que vão tentar propagar uma voz contra. Mas o que eu vejo com bastante clareza é que os fãs que conhecem um pouco da história da banda entendem o que está sendo discutido no processo. Os fãs não têm vontade de ver uma Legião Urbana a qualquer custo, com qualquer vocalista.

Fiocruz retoma produção da vacina da AstraZeneca contra a Covid-19 nesta terça



No fim da tarde de sábado (22), a Fundação recebeu mais uma remessa dos insumos, que deve ser suficiente para fabricar cerca de 12 milhões de vacinas. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) deve retomar a produção de vacinas da AstraZeneca/Oxford nesta terça-feira (25), cinco dias após paralisar a fabricação, na última quinta-feira (20), por falta do Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA), principal insumo para produção do imunizante.

No fim da tarde de sábado (22), a Fiocruz recebeu mais uma remessa dos insumos, que devem ser suficientes para fabricar cerca de 12 milhões de doses da vacina. Dessa forma, os repasses previstos ao Programa Nacional de Imunização (PNI) até a terceira semana de junho estão mantidos.

Embora o recebimento desses insumos garanta os repasses previstos para junho, sem a assinatura de contratos de **transferência** de tecnologia, a Fundação Oswaldo Cruz corre o risco de não entregar vacinas contra Covid-19 a partir do mês de agosto.

O acordo é o que pode permitir a Fiocruz iniciar a produção local do IFA, reduzindo a dependência brasileira de insumos estrangeiros. A Fundação, no entanto, tem a expectativa de assinar, nesta semana, dois novos contratos com a AstraZeneca. A informação é do analista da CNN, Leandro Resende.

Um contrato prevê prorrogar o envio de mais IFAs da China. O outro, é para a Fiocruz poder receber da farmacêutica o que falta de tecnologia para que o Brasil consiga produzir a vacina 100% nacional.

O contrato da **transferência** de tecnologia entre Fiocruz e AstraZeneca não avança porque esbarra em direito de **propriedade** intelectual e leis internacionais. O prazo inicial era para assinar em fevereiro. Desde setembro, a Fundação alega que o contrato de transferência total de tecnologia está em fase final de discussão.

O ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello chegou a anunciar que o contrato fora fechado em fevereiro numa cerimônia na Fiocruz. O documento, no entanto, nunca foi assinado.

"Com a chegada, a incorporação da tecnologia que está contratada, poderemos fabricar 20 milhões de doses por mês no segundo semestre aproximadamente, já com a produção do IFA no Brasil, aqui na Fiocruz", disse Pazuello na ocasião.

Alternativa

Enquanto o contrato não é assinado, a Fiocruz tenta prolongar o contrato com a AstraZeneca de envio de IFAs. Apesar dos atrasos, a AstraZeneca tem acordo para fornecer os insumos até o mês de junho, o que garante a produção de doses até julho. Para evitar interrupção na produção de a partir do fim do contrato de IFA, a Fiocruz quer garantir mais insumos, numa espécie de prolongamento do atual contrato.

Existe, porém, o risco de a produção parar a partir de agosto, caso novos IFAs não sejam enviados. Se o contrato de transferência de tecnologia for assinado até o final deste mês, a Fundação informa que consegue entregar vacina nacional a partir de outubro. No entanto, com esse panorama o Brasil ficaria sem

Continuação: Fiocruz retoma produção da vacina da AstraZeneca contra a Covid-19 nesta terça

doses do imunizante em agosto e setembro.

Vacinação contra Covid-19

As vacinas contra a Covid-19 garantem proteção porque previnem a doença, especialmente nas formas graves, reduzindo as chances de morte e internações.

Embora não impeçam o contágio e nem a transmissão do vírus, a vacinação é essencial, já que induz o sistema de defesa do corpo a produzir imunidade contra o coronavírus pela ação de anticorpos específicos, segundo a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm).

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3

Inovação

3

Marco regulatório | INPI

5

Propriedade Intelectual

7